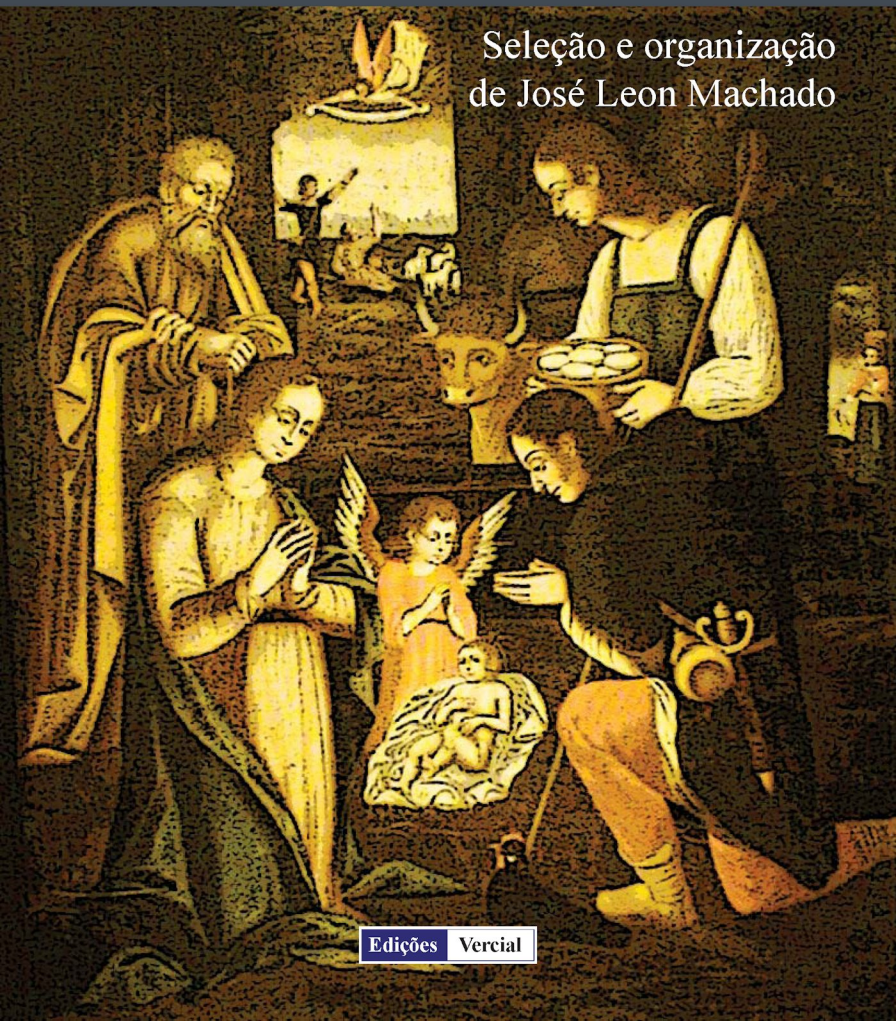


Na Noite de Natal

♦ Textos escolhidos ♦

Seleção e organização
de José Leon Machado



Na Noite de Natal

• Textos escolhidos •

Seleccção e organização de

José Leon Machado

Edições Vercial

ÍNDICE

- *A Morgadinha dos Canaviais* – Capítulo XIV (Júlio Dinis)
- Confidências recíprocas (Júlio Dinis)
- Conto do Natal (Fialho de Almeida)
- O Menino Jesus do Paraíso (Fialho de Almeida)
- O Natal (Eça de Queirós)
- Postal de Boas-Festas (Onésimo Teotónio Almeida)
- A Consoada (José Leon Machado)
- Numa noite de consoada (A. M. Pires Cabral)
- As fogueiras de Natal (A. M. Pires Cabral)
- O Natal é verdade (A. M. Pires Cabral)

CONTO DO NATAL

Fialho de Almeida, *O País das Uvas*, 1893

Há-de passar talvez das onze horas. A noite afinal pôs-se serena, não boia vento, as solidões escutam... – é como se a terra inteira estivesse à espreita de ouvir tocar o sino para a missa. Pela estrada que passa entre Vila de Frades e Vidigueira, vem descendo uma velha arrumada ao seu bordão de pobrezinha. O rastejo dos passos dir-me-ia porventura a idade dela: o luaceiro entanto, nuverinhado em céu de bruma, apenas deixa aperceber a silhueta curvada para a terra, com um pedaço de manta sobre os ombros, o saco às costas, e as canelas sem meias, entapadas em ligaduras repelentes. Ao pé da ponte a mulher pára. Por detrás daqueles choupos, lá em baixo, à beira-rio, havia noutro tempo um forno de tijolo, agora pelo Inverno abandonado. Ela adianta-se, procura... A estrada passa de alto, ladeada de acácias e eucaliptos. E derredor, nos plainos baixos, as escavações do barro espapam-se nas águas da cheia, em lúgubres lameiros, cuja ervançum dá residência a uma colónia rouca de sapos.

A velha estende o bordão para a barreira, procurando vereda num chão firme, em cujo barro os seus pobres sapatos rotos não mergulhem.

Mau grado o embrutecimento da idade, o frio, a fome e o desejo de amosendar para ali, no forno de tijolo, longe das apupadas dos cães e dos rapazes, uma nostalgia poética ergue-lhe a vista, e então recorda-se, e quer

circunvagando os seus cansados olhos para o largo. É uma esquelética paisagem de Dezembro, nua e cansada, quando já a natureza se alquebra toda em desalentos, e os troncos das árvores parece que estrebucham, como os famintos de Londres, numa bebedeira de ódio, truculenta. No primeiro plano há terras de vinha, olivais muito negros e colinas redondas com moinhos. Para as bandas da Vidigueira risca a neblina um traço negro, que deve ser a torre do relógio – depois, à direita, uma mancha de cal, o cemitério. Lentamente, à medida que o raio de visão se prolonga no horizonte, os outeiros complicam-se, as formas perdem sua delineação traço por traço, e toda a cordilheira dir-se-ia pintada numa sucessão de panos de teatro, a cinza-claro, e gradações mais e mais desvanecidas.

Oh, que sossego! Uma divina essência, abstracta, etérea, vem oscular as urzes e as levadas. Do seio das negridões, de quando em quando, brotam suspeitas de formas vagabundas, a branco-cinza esboços de sonhos, almas erráticas que debandam, noitibós que se acolhem, friorentos na noite, às pedras das ruínas... Vem um acorde triste dos cardos secos da margem dos alqueves, dos pilriteiros sem folhas e dos zambujos frugais das ribanceiras. E as águas do ribeiro troam nas pedras, por entre as canas e os choupos, cujas varas se esfalripam nos ares, tísicas e brancas, com um ou outro corvo por folhagem.

Da outra banda são semicírculos de terras e valados, com freixos altos em silhueta no tom madrepérola da lua, e alternativas de negro e zonas claras, que dir-se-iam feitas num desenho a carvão, com lápis prateado.

Todas aquelas brancuras vêm do extremo horizonte aos olhos da mendiga, por suspeitas, desagregadas das formas, abstraídas do resto da paisagem, e todas poderiam

interpretar-se como efeitos de neve, de luar, de água dormente, tanto a neblina enche de fantasmagorias a noite e presta uma alma incoerente àquela cenografia de balada.

Há porém no sopé daqueles montes um ponto que a velha ansiosamente procura. É o pequenino convento de capuchos que alveja da banda de Vila de Frades, derrocado, entre oliveiras. Lá corre o muro da cerca, té se perder num grupo de ciprestes. Naquela cerca, já depois de profanado o conventinho, era antigamente o cemitério: um cemiteriozinho de aldeia, com malmequeres e figueiras bravas, crânios à solta, e nenhuma cruz ou mausoléu comemorando a jazida de qualquer. Ali repousam os parentes e amigos da pedinte, pais e irmãos, filhos e netos: só ela, errante de povo em povo, sem um afecto que a proteja, sem uma boca amiga que a console, vai pelo mundo a mendigar de porta em porta!

Vinte e dois anos passaram depois que ela abalou da sua terra, e quatro ou cinco vezes lhe sucedeu passar ali como estrangeira, com os olhos no chão, corrida de vergonha, vendo a igreja aberta e tendo medo de entrar, passando ao resvés das casas ricas, e arreceando-se de pedir esmola à criadagem; e depois, ao toque das Trindades, noite fechada, detendo-se a escutar de longe os conhecidos rumores do lugarejo. Oh, essa chafranafa da volta do trabalho, com guizadas de mulas tintinando, estrupidas de carros desferrados, e as boas-noites trocadas, os cavadores cantando em coro pelos caminhos, a crepitação da lenha nas lareiras – e depois, no bocal das fontes, o mulherio que pousa os cântaros e entre risotas comenta as picarescas histórias da semana!

É quando numa melancolia doce o dia morre, e grandes nuvens esmagam no poente as vermelhidões crepusculares. É quando uma exalação envolve as cúpulas

das árvores e, das terras molhadas, claridades efémeras fosforejam, e uma voz corre e suspira à flor das ervas.

Pois acabou-se, acabou-se! E a triste da mulher desce a barreira, agredida por tudo, as recordações, a noite, o frio, a fome... Não, não repousará entre os demais, no pobre cemitério da sua aldeia, em que avoejam corujas e francelhos: a casa onde nasceu foi demolida: arrancaram a vinha que o marido plantara, há cinquenta anos, com solitudes de bom cultivador: e ninguém na vila já se recorda da Josefa, da viúva do Pratas, mãe duma filha bonita que anda agora nas feiras, de cigarro, e passa o Inverno em braços de soldados, numa viela infame de Estremoz. Ao acercar-se do forno, uma claridade viva a surpreende. O alpendre ficava do outro lado, numa descaída brusca do montículo, e ali está gente, há falas de homem... – ai pobre velha! aonde há-de ela ir passar a noite àquela hora?

Por um momento ainda ela faz um passo para costear o forno, e ir pedir agasalho à fogueira de quem quer se acoite no telheiro. Mas logo em seguida reflecte. Que qualidade de gente será? Recebê-la-ão com caridade? Um vago terror se apossa dos seus membros: pé ante pé busca afastar-se... Mas como tem as pernas e os braços regelados! Um torpor lhe paralisa os movimentos, anestesia-lhe os dedos, e pesa-lhe nas pálpebras com sonolências de chumbo. Nos campos paira um sossego terrível e perverso, em cuja abóbada se respondem os latidos dos cães, pelas malhadas. A geada branqueia o alqueve das courelas, queima os favais. E a claridade no alpendre é cada vez mais confortante, milhares de faúlhas sobem pelos ares, na fumarada da lenha húmida de oliveira, que estala e arde em flamazinhas rápidas e alegres. Ela então cede, resolvida a entrar na zona

iluminada, e a pedir agasalho aos forasteiros que a anteciparam.

Chegara quase à boca do telheiro, oculta ainda por trás dum grupo de árvores, perto do rio – quando de repente estruge um grito largo, começado em surdina, e sacudido depois em frenéticas uivadas, com uma expressão de sofrer dilacerante.

Ao primeiro berro, um homem que estava acororado por diante da fogueira, salta de golpe, e fica um instante secado, à escuta da noite, bebendo os rumores do largo, enquanto desenrola a cinta da cintura. Aquele berro, a velha conhece-o, é horrível e terno, angustioso e delicado, e toda a mulher que o solte principia esposa e acaba mãe.

Havia pois no alpendre uma parturiente a reclamar os seus cuidados. O desejo da velha era correr, mas do seu canto de sombra a pobre hesita, vendo o homem girar pelo telheiro a passos furiosos, ir, voltar, acachapar-se instantes sobre o vulto que bole lá no fundo do alpendre, em estremeções aflitos: e enfim, jurar, bramar, ordenar-lhe silêncio, prometer-lhe pancada, exasperado cada vez mais, por aquela algazarra que pode deitar tudo a perder.

Há um momento em que eles cuidam ouvir um murmúrio de rodas, afastado, talvez uma sege que passa, levando alguém à missa de Natal. Aqui a raiva do homem não conhece limites, e ei-lo corre à mulher de punho armado, prestes a dar-lhe, caso prossiga o berreiro escandaloso. Vem, com efeito, na estrada uma berlinda, com guizadas nas mulas, e vermelhidões de lanternas entre as árvores. E o homem precipita-se, enclavinha os polegares assassinos sobre a garganta da mulher.

– Calas-te ou morres!

E a sua voz surda, pequena, sacudida, humilde quase, vem explosindo e crescendo, té bravejar num

rouquejo de cólera exaustinada – Cala-te, diabo, Cala-te, estafermo!

A mãe, coitada, mal pode estrangular os urros que a expulsão lhe arranca, em dores medonhas, como se trinta mãos brutais lhe estivessem arrancando as vísceras, ligamento a ligamento. Já a berlinda passa, ao trote rápido das suas quatro mulas espanholas... um ou outro corvo solta nas faias o seu grasnido estremunhado, e outra vez a paisagem fica muda, entre as brumas e as sombras, o fragor da ribeira, e a uivadados cães pelos currais. É esse o instante de a mendiga fazer um passo, abandonando o círculo da sombra, prestes a dar-se, toda cheia de celestes compaixões por essa mísera mulher que a desgraça forçou a vir parar numa ruína, sem ao menos ter a aquentá-la, como a Virgem, o hálito da vaca e da jumenta, e as solitudes ideais do carpinteiro.

Mas tudo aquilo é rápido e fugace. Os gritos da mulher tinham cessado: lento e sinistro, o homem voltara a acocorar-se perto da fogueira, com uma expressão de campónio perverso, meia animal, meia humana, onde o brilho dos olhos punha uma sagacidade extraordinária. Ele despira a jaqueta, tem as mangas da camisola arregaçadas, as mãos sujas de sangue...

– É rapariga ou rapaz? – disse a mulher.

Ele estivera algum tempo a ligar-lhe coa cinta o ventre dolorido: não retrucou. Dera na torre da Vidigueira a meia-noite, e em Vila de Frades logo começou a tocar para a Missa do Galo. O cerraceiro morrera pelos campos, e as cumeadas do céu, azuis e vastas, refulgiam de estrelas e luar. Coisas opacas brotavam dos terrenos, formas dormentes, que pareciam vaguear nas ouvielas moles dos farrejais.

Perto, nos choupos, havia gestos de angústia e imploração; saíam vozes da água, preguiçosas e místicas

como trenos, e certas troncagens tinham expressões humanas na noite, que perturbavam de morte o arregaçado.

Outra vez então aquele homem se ergueu com modos lentos, veio escutar. Os sapos tinham-se afinal calado nos algares, pairavam no sossego as asas áfonas dos mochos dando espirais de roda ao forno de tijolo. E mau grado o frio, aquela noite de Natal vinha suave, com poucas cores mas delicadas, e cambiantes de céu, que o vento, uma após outra, transmutava.

– Dá-me a criança... – disse a mulher. – Quero-lhe dar mama, não me morra de frio, a pobrezinha!

Ele tinha nas mãos o pequeno ensanguentado, que vagia de frio, conjugando os beicitos numa sucção de instinto, que devera ter feito sorrir de enternecido um outro pai. E saiu do telheiro, o pequeno pendente da manápula, o cenho torvo, o ar facinoroso.

A velha, vendo-o, estendera-lhe os braços do seu canto: e ele vagueou assim por aqui, por lem, entre os troncos das faias e os silvados, atascado na lama, mas sem poder estar quieto em parte alguma, e como se pela marcha desse vazante ao frenesi mental que o devorava.

Havia à beira da água um pedregulho. Ele deteve-se. Instantaneamente a sua cara envelhecera, leques de rugas radiavam-lhe dos cantos das pálpebras, sobre a pele da testa e da faceira, e a lívida boca, agora seca, súplice quase, tinha sombras de angústia às comissuras, e convulsivos tremores nos beijos desbotados.

Mais uma vez lançou a vista ao derredor, numa suspeita atroz de o estarem vendo, e ergueu o braço, com o pequeno seguro pelos pés, como um coelho... Porém a luz do luar incomodava-o.

Tornara para trás, desalentado, furibundo consigo, e resmungando alto imprecações. Mas veio-lhe de repente

uma veneta, e bruscamente, com um resfolegar de bezerro, escavacou o pequeno contra a rocha. A pancada dera na pedra um som de melancia podre, esborrachada, em surdina, baça e turgente. Foi um momento, aquilo, e todas as coisas voltaram ao êxtase hibernar de instantes antes.

O homem ainda esteve curvado um pouco de tempo, sobre os atasqueiros glácidos do rio – uma solenidade pairava ao fundo do espaço – té que afinal saiu das ervas, com o cadáver suspenso pelos pés, todo sangrento, um cadaverzinho de infante recém-nado, roliço e roxo, cuja boquinha fria de inocência, e cuja alma devera estar-se incorporando àquela hora no cortejo de eleitos, que todos os anos vem, com o menino Deus, refazer na crença dos simples a suavíssima lenda de Natal.

Para continuar a ler esta obra, contacte as Edições Vercial.

Título: *Na Noite de Natal – Textos Escolhidos*

© Copyright Edições Vercial

Seleccção e organização: José Leon Machado

Todos os direitos reservados

Edições Vercial, Braga, 2010

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/evercial>
